

Accção terrorista contra escritórios do ANC

• Cinco feridos e consideráveis estragos materiais

Reportagem de Mário Ferro e Leandro Paul (texto) e de Adriano Murato e AIM (fotos)

Escritórios do ANC da África do Sul, em Maputo, foram vítimas às três horas da madrugada de ontem de um atentado bombista, que causou cinco feridos e consideráveis danos materiais. Logo que a ocorrência se registou, as autoridades policiais e da segurança da República Popular de Moçambique iniciaram investigações rigorosas para apurar as causas e responsabilidades deste atentado bombista. Sabe-se, porém, que o atentado foi perpetrado através de três cargas explosivas, colocadas no terraço de um prédio de três andares. No terceiro andar e nas dependências, que foram outrora para empregados domésticos, no terraço, funcionam os referidos escritórios do ANC.

Os feridos — quatro cidadãos sul-africanos, militantes do ANC, e uma cidadã moçambicana, moradora no mesmo prédio — foram conduzidos ao hospital e, às primeiras horas da manhã, dois deles já tinham recebido alta. Os restantes encontravam-se sob

informação e propaganda sobre a luta travada pelo Povo sul-africano, dirigido pelo ANC, contra o regime nazi-fascista de Pretória. E não somente diplomatas e jornalistas se dirigiam com frequência aquele local. Também cidadãos sul-africanos, residentes em

celas explosão. Tudo foi muito rápido, talvez em fracções de segundos. Cá fora, as pessoas corriam para encontrar, locais onde se protegerem — afirmou-nos um morador do prédio.

Eramos três jornalistas ao todo. A nossa frente seguia o oficial do Exército moçambicano, que nos tinha recebido. Em fila, fomos subindo lentamente as escadas de serviço, chegando para o chão com todo o cuidado, a ver onde é que punhamos os pés. Atrás de nós, vinha um outro militar, com quem fomos dialogando.

Pelos degraus das escadas abundavam estilhaços dos vidros das janelas do prédio. Aqui e ali, como alguém chamou à atenção, podiam-se ver pequenas poças de sangue. Por ali havia passado alguém que ficara ferido durante o atentado.

Chegados ao terceiro andar, entramos para onde, em tempos, quando o local tinha sido uma residência, havia sido uma cozinha. Ali mesmo, vimos os efeitos directos das explosões. Tudo em desalinho, material de escritório por cima das bancadas de mármore, livros pelo chão, cobertos de poeira. Sentados a uma mesa, estavam dois jovens que liam e fumavam, enquanto um reproduz de cassetes transmitia música.

Um dos jovens prontamente se levanta e oferece-se para nos acompanhar. Junta-se lá a frente ao oficial do Exército. Mostram-nos um dos quartos: no tecto, um buraco com quase um metro de diâmetro havia sido provocado pelo rebentamento de uma bomba. Pedacos de cimento, de

Depois, visitámos um terceiro compartimento, no tecto do qual se podia ver um buraco provocado pela explosão de uma das bombas. Tudo estava em desordem. Camas com as pernas partidas, cobertores e lençóis com sangue, cobertos de poeira, de pedacos de cimento e de estilhaços de vidro. Era o mesmo trágico espectáculo que havíamos tido a oportunidade de apreciar nos outros compartimentos atingidos.

Apenas com um senão: o candeeiro eléctrico, a escassos centímetros do local do rebentamento, embora coberto de poeira, estava intacto, pendurado ao tecto. Na parede, tendo resistido às ondas de choque da explosão, estava um espelho pendurado.

Dali, entramos num outro compartimento: tratava-se do gabinete de trabalho. Duas secretárias estavam dispostas, uma com uma máquina de escrever. Nas paredes, fotografias do Presidente Samora Machel, de Nelson Mandela e de Oliver Tambo. A um canto, podia-se ver uma máquina de fazer cópias em série, a cêra. Neste gabinete, eram recebidos todos os visitantes que pretendessem recolher informações sobre o ANC.

Passámos ao corredor e pelo chão, entre pedacos de cimento e estilhaços de vidro, estavam espalhados dezenas de livros e revistas, publicadas pelo próprio ANC e outros por editoras estrangeiras. Eram livros sobre a luta de libertação nacional, sobre a situação dos povos oprimidos e explorados e, ainda, sobre a paz e a segurança no Mundo.

de ferro das janelas, em alguns casos, havia sido arrancado pela força das explosões.

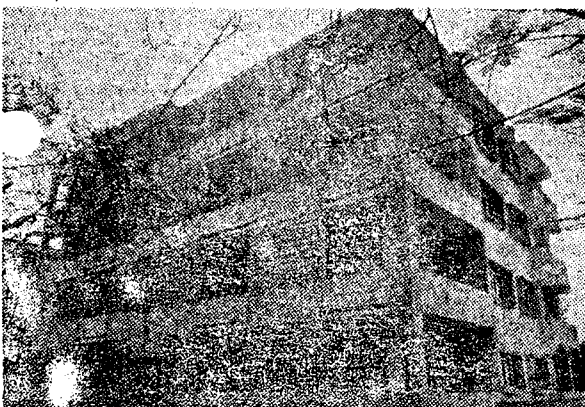
No terraço, tivemos a oportunidade de apreciar melhor os três buracos causados pelas explosões de outras tantas bombas. Todos mais ou menos do mesmo diâmetro, estavam dispostos em ângulo recto, com um deles no vértice e os restantes nas respectivas pontas. Cada buraco correspondia ao local do apartamento onde se encontravam as pessoas a dormir.

— Estava a dormir quando se deu a explosão no tecto do meu quarto, onde me encontrava com uma amiga. Quando recuperei os sentidos, estava prostrada no chão, com ferimentos nas costas e nas pernas e o quarto estava cheio de fumo. Ouvi um dos meus amigos, que dormia num outro quarto, a tossir e chamei por ele, não me respondendo — começou por nos dizer uma mulher sul-africana, viúva, de 34 anos, mãe de uma criança menor, quando com ela contactámos no leito do hospital, acrescentando

— Levantei-me cambaleante e fui para fora, passando pela cozinha. Nas escadas, vi uma vizinha, moçambicana, também ferida, a ser transportada pelos familiares para o Hospital. Então, eu decidi-me por ir a pé para o hospital, onde fiquei internada. Espere em breve ter alta.

Continuámos a apreciar os efeitos das três violentas explosões. Disse-nos pelo telefone, quando logo pela manhã contactáramos a nossa Redacção, que as explosões foram ouvidas em muitas zonas da cidade, a maior parte distantes do sítio onde está o prédio, que foi vítima do atentado.

E, entre os comentários das muitas



Este é o edifício na Rua General Pereira D'Eça, n.º 270, onde funcionam, no terceiro andar e nas dependências do terraço, os escritórios do ANC

cuidados médicos. Dos feridos, três são mulheres e dois homens.

Os rebentamentos causaram destruições em três locais: do tecto dos escritórios, em muros do terraço e nos vidros das janelas não só do próprio prédio, como nos da maioria dos edifícios vizinhos. Aqui, também se registaram alguns feridos sem qualquer importância, dado que nenhum deles teve necessidade de receber tratamento hospitalar.

O edifício, onde se situam os escritórios do ANC, está localizado na Rua General Pereira D'Eça, n.º 270, a uns 50 metros da esquina com a Avenida Mao Zedong. Daqui, para Gelasos, são uns 500 metros. Para o Parque dos Continuadores, uns 600, e para o "Hotel Polana" talvez um quilómetro.

CURIOSIDADE E INDIGNAÇÃO

Quando chegámos ao local, fomos recebidos pelo comandante de uma unidade das Forças Armadas de Moçambique (FPLM); ele e os seus soldados haviam recebido «ordens superiores» para montar a segurança ao local, onde decorriam rigorosas investigações após o atentado. A curiosidade e a indignação levaram muitas pessoas a deslocar-se ao local. Do outro lado da Rua General Pereira D'Eça, no passeio frontal, muitos cidadãos juntavam-se ou passavam por ali para ver os resultados das explosões. Nos prédios vizinhos, os moradores estavam à varanda, para apreciar um movimento algo inédito que durante todo o dia se registou naquela rua, por força do atentado bombista.

Não raro, viam-se também carros a passar pela artéria, vindos da Avenida Mao Zedong, em velocidade reduzida, com os seus ocupantes espreitando pelas janelas dos veículos, fazendo comentários e gesticulando. Uns e outros estavam interessados em ver as consequências do atentado bombista. A afluência de tantas pessoas ao local é uma indicação de que a localização dos escritórios do ANC é bastante conhecida em Maputo. Como diria um transeunte, logo que tive uma oportunidade, pedi ao chefe lá no meu serviço para vir ver os resultados deste crime. Um morador do prédio, disse-nos que o local era visitado por muitas pessoas, particularmente por diplomatas e jornalistas. Nos escritórios do ANC, ontem vítimas do atentado, eram distribuídos

Maputo, e muitos moçambicanos, que simpatizam e apoiam o ANC, frequentavam os escritórios, para tomar conhecimento do desenvolvimento da luta travada no interior da África do Sul contra o sistema do «apartheid».

OS EFEITOS DAS EXPLOSÕES ERAM VISÍVEIS

Cá fora, ainda no passeio, precisamente onde fomos recebidos pelo oficial do Exército moçambicano, podiam-se ver alguns efeitos das explosões: os vidros das janelas dos prédios vizinhos, incluindo as do estabelecimento de uma cooperativa de consumo, que se fica mesmo na esquina da Rua General Pereira D'Eça com a Avenida Mao Zedong, estavam completamente estilhaçados.

No passeio, centenas e centenas de estilhaços de vários tamanhos espalhavam-se pelo chão, em redor, junto ao sítio, onde habitualmente os moradores dos prédios da zona colocam o lixo, para a noite ser recolhido pelos trabalhadores do Conselho Executivo, um montão de vidros estilhaçados tinha sido cuidadosamente colocado, misturado entre restos de comida.

Conduzidos às traseiras do edifício, precisamente onde estão as garagens para os automóveis dos moradores do prédio, vimos pedacos de cimento que foram projectados pela violência das explosões lá de cima, do terraço. Um olhar em redor, pelos outros prédios, vários eram os moradores que, em mangas de camisa ou em camisola interior, conservavam os estragos causados pelas explosões. A preocupação era como improvisar a substituição dos vidros estilhaçados ou das portas danificadas.

«DORMIAMOS QUANDO OUVI A PRIMEIRA EXPLOSAO»

Nas varandas das traseiras do prédio, encontravam-se famílias que ali vivem. Uma brisa fresca, vinda do mar, parecia que vinha a dar mais ânimo às pessoas que, no momento, já mostravam estar refeitos do susto que haviam apanhado às primeiras horas do dia.

— Estava a dormir, com a minha família, quando ouvi uma explosão, que sucediu ao prédio e estilhaçou os vidros das janelas. Saltámos todos das camas e pusemo-nos a correr para fora da casa. Quando transpáramos a porta, deu-se a segunda explosão e, já na rua, ouvimos a ter-



Estado em que ficou um dos compartimentos dos escritórios do ANC, que servia de quarto de dormir para os seus funcionários

ferro contorcido, de estilhaços de vidro estavam espalhados por cima das camas e pelo chão, ambos cobertos de poeira. Nos lençóis, e cobertores via-se sangue dos ferimentos causados pela explosão da bomba.

Passámos para o corredor. Um outro quarto, cuja porta estava escancarada, não tinha sido utilizado e nem sequer tinha sido vítima directa de uma das bombas. Dali, fomos para uma sala comum de visitas e de jantar, com o mobiliário bastante danificado, coberto de poeira. Tal como no primeiro quarto, pelo chão estavam pedacos de cimento e estilhaços de vidros, provocados pela explosão de uma das bombas. Dali fomos para uma sala onde estava uma pequena farmácia caseira.

DO TERCEIRO ANDAR PARA O TERRAÇO

Fomos do novo conduzidos às escadas de serviço. Ao sair a porta, que dá para a escadaria principal do edifício, vimos uma porta em grade de ferro, tão familiar em edifícios e residências do Maputo. É uma medida de segurança, que naquele caso separava as residências dos outros pisos das instalações dos escritórios.

Subimos as escadas e fomos até ao terraço. Aqui, onde outrora funcionaram dependências para empregados domésticos havia mais compartimentos dos escritórios, tal como os outros com o chão coberto de poeira, cheio de pedacos de cimento e de estilhaços de vidro. O gradeamento

pessoas, em particular das que se deslocaram ontem à Rua General Pereira D'Eça, pudemos apreciar a indignação nas palavras que eram proferidas contra as acções criminosas desta natureza, praticadas contra alvos meramente civis.

E, com ironia, comentava-se ontem o comunicado do Ministro da Defesa do regime nazi-fascista de Pretória, General Magnus Malan, de que as suas forças tinham realizado «um ataque a uma base do ANC, em Maputo». Uma base que não é mais do que um escritório de distribuição de informação e de propaganda, idêntico a muitos outros que o ANC da África do Sul tem em numerosas capitais de vários continentes; nomeadamente na Europa.